

REFLETINDO SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO: UMA CARTA À BELL HOOKS

Alaíde Vimieiro Toledo Barbosa¹

Querida bell,

Tempos estranhos são esses em que lhe escrevo. Sempre acreditei que o mundo e os seres que nele habitam estariam em uma escala ascendente em seu processo de evolução, mas hoje fico pensando se existiria um retrocesso e, isso me assusta. Mas, espero que seja apenas um devaneio, um pensamento pontual e que não corresponda à realidade. Venho através desta carta responder ao “Ensino 1: O pensamento crítico”², no qual você aborda o pensar enquanto ação, atividade apaixonante e prazerosa, movida pela ânsia do saber, essencial à educação, enquanto fruto do processo interativo, que requer engajamento de todos, na responsabilidade mútua de consolidar uma comunidade de aprendizagem empoderada, comprometida com a liberdade. E é exatamente esse poder transformador da ação, do engajamento, da liberdade, que me leva a dialogar contigo acerca do pensamento crítico, sua importância e o papel da educação diante do mesmo.

Ao mesmo tempo em que lhe respondo, quero dividir com você meus questionamentos e ansiedades, buscando beber dessa fonte, do manancial de conhecimentos que me inspiram a buscar pelo pensamento crítico e pela necessidade de transformação da realidade. Não a vejo como uma figura ausente, mas como aquela que sempre será um lugar seguro para buscarmos quando necessitarmos revigorar nossos ânimos e reavivar a busca pelo saber.

Na realidade, gosto de pensar no mundo que se configura em minha mente ao me lembrar do dia em que a conheci, através dos estudos, nas aulas do mestrado em Educação, ministradas pela professora Bethânia³. Alimento em pensamentos a imagem de uma intelectual que colocava intensidade em tudo aquilo que tocava, uma mulher que pensava e ensinava a pensar, porque fazia parecer deslumbrante, tanto quanto deveria ser a ideia de uma mente trabalhando, questionando e agindo. É assim que você chegou em minha vida e permanece, mesmo depois de ter partido, continuando a influenciar minha busca pelo conhecimento e o despertar do conhecimento crítico, impulsionando minhas reflexões e ações, tanto em minha vida pessoal quanto profissional, seja como estudante ou como educadora.

Quando entro numa sala de aula, é como se eu escutasse a sua voz me advertindo entre as paredes: “*pensar é uma ação*”, então eu fico pensando mil e uma formas de incentivar meus alunos a formular perguntas, buscar respostas e desenvolver mecanismos que nos permitam um ir e vir permanente entre teoria e prática, estreitando as ligações entre uma

¹ Graduada em Estudos Sociais CES/JF, Especialista em Políticas Públicas e Gestão Social UFJF, Mestranda em Educação UFV/Minas Gerais. Professora da Rede Estadual de Ensino na SRE Ubá, MG.

² hooks, bell. Ensino 1: o pensamento crítico. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020, p.31-36.

³ A Prof^a Dr^a Bethania Medeiros Geremias é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Coordena e ministra a disciplina Educação e razões oprimidas, no curso de Pós-Graduação em Educação desta universidade.

coisa e outra, numa ânsia permanente pelo saber e pela compreensão do funcionamento da vida. Como e por que vivemos? Por que fazemos o que fazemos? De que modo poderíamos fazer para vivermos melhor? Ecoa dentro de mim uma voz: Como seu pensamento e ação podem contribuir para respostas a essas questões?

Depois de estudar um pouco sobre o pensamento crítico, conforme você havia me ensinado, passei a observar um pouco mais o mundo à minha volta, aquele mais próximo de mim, que faz parte do meu cotidiano. E é interessante como as mesmas coisas podem se apresentar de modos diferentes para nós, a partir de uma simples mudança no olhar. Tenho alunos de diversas faixas etárias, pois trabalho desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, e esse é o meu observatório do pensar.

Quando as crianças chegam no 6º ano do Ensino Fundamental, normalmente chegam falantes, incansáveis, elétricas e eufóricas. Ainda trazem consigo bastante daquela predisposição orgânica para o pensamento crítico, como interrogadoras incansáveis, elas ainda manifestam o anseio pelo conhecimento e se maravilham com a possibilidade de desbravar o mundo e ir além. E embora nos exijam muito mais energia e disposição do que qualquer outro ano de escolaridade subsequente, são elas que mais me chamam a atenção no quesito pensamento crítico.

“Quem? O quê? Quando? Como? Por quê? Para quem? Para quê?” São para essas crianças que as perguntas parecem ser ainda mais importantes e fazem maior sentido. E isso me entristece quando penso que em algum momento, você me disse, em alguma das minhas leituras sobre o pensamento crítico, que a paixão da criança pelo pensar termina ao deparar-se com uma educação para a conformidade e obediência (hooks, 2020), e percebo que isso é real. E me ponho a questionar sobre a minha responsabilidade sobre isso.

Mais triste ainda, é pensar que além de parar de questionar, as crianças começam a temer a mente pensante, como algo indevido, inconveniente e inadequado. Quando terminam o 3º ano do Ensino Médio, embora conservem a irreverência e a necessidade de mudar o mundo que atravessa gerações, a maioria dos estudantes já não traz mais externalizada aquela ânsia da descoberta e do saber questionador. A preocupação maior se dá em conseguir acumular informações e dominar macetes úteis para garantir um bom resultado nas avaliações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) almejando uma vaga na universidade ou apenas para ter um certificado de conclusão da educação básica, para se engajar no mercado de trabalho, visando ajudar no sustento da família e garantir as despesas da casa. Por conseguinte, o pensamento crítico fica esquecido, relegado à segundo plano, como coisa inútil ou desnecessária, abafado dentro de cada pergunta não respondida, em cada questionamento não feito, revestido de disciplina e obediência.

Está certo que isso não é apenas uma responsabilidade da escola, mas de uma estrutura conjuntural, de um modelo educacional que permeia a sala de aula, e está além dela, no cerne da sociedade em que vivemos. Está, igualmente, incorporada numa cultura que se constrói, se reforça e se alimenta dia após dia, que se fundamenta muito mais no temor do que no amor, muito mais na obediência do que na consciência. Isso faz com que a autenticidade se torne inaceitável, reprovável, ferindo o pensamento independente, moldando seres humanos e suprimindo em algum lugar, a lembrança e a sensação prazerosa do pensamento crítico, da apaixonante busca pelo conhecimento e a capacidade de transcender os limites previamente estabelecidos por outrem. E o resultado disso, certamente, vai além das escolas, chega até as universidades e, o que é pior, vai além delas,

estendendo-se pelas ruas, pelas casas, pelo mundo. Sim, se estende por todos os lados, em todos os lugares. E é isso que assusta!

Quando você anda pelas ruas, chega no trabalho ou entra numa sala de aula, o cenário parece ser o mesmo. Sempre há alguém com um celular nas mãos recebendo ou enviando uma mensagem, consumindo ou produzindo um conteúdo ou informação. Isso é quase unânime atualmente. Espero que entenda que não sou contra isso. Apenas quero aproveitar esse contexto para expressar a minha preocupação com as questões que envolvem o pensamento crítico.

Lembro de um tempo, em que nas aulas de história, os professores falavam acerca da chegada dos europeus nas terras indígenas da América, seduzindo seus habitantes com presentes, tais como espelhos e outras bugigangas de baixo valor, a fim de que lhes entregassem suas riquezas e sua liberdade. É certo que houve resistência e muitos perceberam as imposições da dominação se opondo à mesma, porém não antes que muitas vidas fossem ceifadas e que suas terras fossem dominadas.

Ao observar a vida contemporânea e as questões que envolvem o pensamento crítico, não posso deixar de estabelecer um paralelo entre os espelhos e a nossa parafernália eletrônica atual, que tem nos *smartphones* o seu ápice de manifestação. É como se eu assistisse a um filme, no qual o cenário de dominação se assemelha ao passado, numa versão muito mais perversa e destruidora. O paralelo dos mundos se faz quase imperceptível. Criticamos o passado de outrora, mas não vislumbramos o presente.

Deslumbramo-nos diante dos espelinhos contemporâneos, certos de que participamos de um mundo globalizado em tempo real, como nunca. A um toque de tela, instantaneamente, buscamos o maior volume possível de informações acerca de um fato, acreditamos que sabemos de tudo o tempo todo e respondemos aos apelos disso numa fração de segundos, num comportamento extremamente reativo. Seguimos e somos seguidos, compartilhamos ideias e formamos grupos, formamos opiniões, abraçamos causas, sem sequer averiguarmos a origem, a procedência da informação ou o objetivo por trás da ideia.

Disputamos uns com os outros, quem produz mais conteúdos, quem consegue mais seguidores, o que se faz mais atraente e se vislumbra melhor, quem possui os melhores e mais sofisticados aparelhos e até a qualidade do acesso às redes. Só não questionamos a procedência das informações e os objetivos da tão vasta rede de entretenimentos. É tão espelho, que as *selfies*, os *stories* e os vídeos de *TikTok*, dentre outros, estão repletos de um eu que se projeta para o mundo em busca de si mesmo, de validação e reconhecimento, mas um eu, muitas vezes, tão solitário e triste, que já não se reconhece humano em suas imperfeições e cada vez mais tem dificuldades de se aceitar como realmente é.

Mas isso, bell, não é meu objetivo no momento, embora seja tão preocupante quanto, e não se coloca aos meus olhos como o foco dessa reflexão acerca do pensamento crítico. O que me preocupa é que enquanto isso, enquanto nos distraímos em nossos espelhos, nos esquecemos de questionar os fatos e de pensar sobre tudo o que acontece à nossa volta. Sobre as imposições de um modelo de colonialismo severo e a nova forma de apropriação de territórios, não mais pelo domínio dos Estados nacionais à base do uso da força ou da guerra, ou a destituição de governos - embora isso ainda ocorra para amedrontar e distrair os povos e nações - mas através de grandes grupos e corporações que transcendem seus domínios pelo globo e atravessam governos estabelecendo seus interesses a partir do financiamento de serviços e atividades de toda ordem.

O que me preocupa é a forma como silenciosamente nossos espelhinhos favorecem ao domínio do pensamento e nos coagem de forma passiva a levantar bandeiras de causas que vão contra nós mesmos, defendendo ideias e interesses que não nos representam como seres humanos livres em pensamento, palavras e expressões, que alteram leis e atendem a interesses obscuros de dominação, num processo de escravidão moderno, no qual a distinção se dá entre as possibilidades e a acessibilidade dos mundos que se apresentam em conformidade com o poder aquisitivo e a capacidade de influenciar e multiplicar a riqueza em escala global.

É nesse momento que me assusto. Penso no quanto pagamos para nos entreter com esses espelhos e no que nos é expropriado, sem perceber o que levam de nós. Pergunto: O quanto de apropriação de nossas riquezas se dá através da nossa distração? Até que ponto somos diferentes dos povos nativos do novo mundo dizimados pela civilidade colonizadora? E o que é pior, como se dá o novo genocídio dos povos dominados no mundo contemporâneo? Um mundo que ainda lida com as sequelas de uma pandemia que transformou a vida de milhares de pessoas e assolou lares. O que pensar? Como agir? O que sentir? Que falta nos faz o pensamento crítico nessas horas?

E, então, é impossível não voltar o meu olhar para a escola e o meu papel enquanto educadora e refletir sobre o quanto de minha prática contribuí para que aquelas crianças questionadoras se calem e se transformem em estudantes e adultos tão entretidos em seus espelhinhos tecnológicos, distraídos pela comodidade do consumismo imediatista, que se nutre do não pensar ou do pensar que pensa por informação ou mera opinião. Como eu gostaria de poder tê-la aqui comigo para me auxiliar, pois tenho medo de me enveredar pelos caminhos da mera obediência e contribuir para o não pensar, achando que tenho o direito de pensar por alguém. Como ensinar a pensar?

Lembro, quando você me disse que “estudantes não se fazem pensadores críticos da noite para o dia” (hooks, 2020, p. 33), argumentando que eles precisam de tempo para aceitar a alegria e o poder do pensar, sinalizando ainda, a necessidade de que nós educadores tenhamos na pedagogia engajada, uma estratégia de ensino para recuperar nos estudantes a vontade de pensar e através dela estimular a consciência de si, que permite a auto realização (hooks, 2020). A prática docente vem, ao longo do tempo, me permitindo observar a confirmação dessa argumentação no cotidiano escolar de muitos jovens estudantes.

Desse modo, bell, como romper com a tendência às visões unilaterais e fazer com que meus alunos queiram enxergar diferentes lados de uma situação, se abrindo às evidências que lhes permitam invalidar ideias imaturas e sem argumentação válida? Como estimular a busca por soluções de problemas, deduzindo ou inferindo conclusões a partir de fatos disponíveis e informações fidedignas? Como garantir que o meu trabalho esteja contribuindo de fato para transcender à mera obediência e estimular o pensamento crítico? Como estabelecer estratégias de ensino comprometidas com uma pedagogia engajada?

Isso não é fácil. Pois envolve estimular os alunos a pensar, tendo o cuidado de não querer o fazer por eles e nem lhes impor o meu pensar. Faz-se necessário utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante e significativo em determinado contexto, avaliando e aprimorando esse pensar permanente e interativamente.

É certo que o caminho é árduo, envolve lucidez quanto ao que se busca responder. Questionar informações e averiguar diferentes pontos de vista, num esforço incessante de

confrontar as fontes e ir além da superficialidade, mergulhando nas profundezas da busca do saber, com o auxílio da leitura, da escrita, da fala e da escuta com a finalidade de discernir as verdades mais profundas, em prol do conhecimento. O desafio se torna ainda maior quando compreendemos que nem todos os estudantes estão dispostos a acolher a proposta de pensar criticamente, pois na maior parte do tempo se faz mais confortável permanecer na passividade que lhes isenta o trabalho árduo da busca apurada.

Sei que muitas vezes os professores se sentem desmotivados, desanimados diante da resistência dos estudantes, sobretudo quando estes optam pela conformidade da obediência e de não pensar criticamente. É por isso que não me canso de presentear meus amigos com suas obras, na esperança de que elas sejam um tônico emulsificante para lhes fortalecer os ânimos e os estimular a seguir em frente. Afinal, esse trabalho é como lançar boas sementes ao solo. Nem sempre elas vão nascer, porque dependem das condições inerentes ao próprio solo e os elementos que com ele interagem. Porém, uma coisa é certa, ainda que nem todas venham a germinar e, das que germinam, nem todas venham a sobreviver, o fato é que aquelas que frutificarem produzirão novas sementes em seus rebentos e se lançarão ao solo novamente, alimentando as esperanças sobre os dias vindouros. É nisso que devemos pensar para revigorar nossos ânimos.

É incrível como a habilidade do pensamento crítico é recompensadora, ainda que nem todos estejam dispostos a aprendê-la. Como é gratificante compartilhar o prazer de trabalhar as ideias e transformá-las, através do pensamento, em ação. Numa ação comprometida e transformadora, libertadora. Mas eu te adianto, não é assim apenas com relação aos estudantes, mesmo entre nós educadores essa resistência ainda se faz presente. E receio que ainda estejamos reproduzindo essa resistência nos estudantes de modo a disseminá-la sem perceber, você me compreende? Estaria eu novamente exagerando em meus devaneios? Se o faço não é por mal, mas pela tentativa de ir além.

Lembro que você defendia que a mente aberta era uma condição essencial para o pensar criticamente, considerando a necessidade de uma abertura capaz de nos permitir uma contraposição ao nosso ponto de vista, esse que nos impede de enxergar o que é diferente, descartando outras perspectivas, mantendo-nos numa espécie de ciclo vicioso. Realmente, se nos mantivermos protegidos pela venda que nos causa cegueira, jamais consideraremos a possibilidade de nos permitir um novo ponto de vista e transformar a realidade. Seremos prisioneiros da mesmice, estacionários do saber.

Daí, a necessidade de refletirmos nossas práticas docentes, não apenas do ponto de vista da nossa sala de aula, da cultura em massa, dos espelinhos do colonialismo, mas, também, do ponto de vista da nossa formação acadêmica e do quanto ela reforça e trabalha a favor desse sistema da obediência que desfavorece ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Eu concordo com você quando dizia que um problema da formação acadêmica era o incentivo aos professores a necessitarem estar certos o tempo todo. Isso, ao mesmo tempo, coloca o professor numa condição de superioridade surreal e infeliz, porque ninguém consegue ser permanentemente correto e infalível. Isso é desumano tanto com os estudantes quanto com os professores. Estarmos abertos realmente é o melhor antídoto para combater esse mal. É necessário ter humildade e disposição para reconhecermos que não sabemos tudo o tempo todo e, nem devemos saber. Como você nos ensinou, há que se manter a integridade do pensamento crítico e de seu papel na educação, num aprendizado permanente

e ativo. Isso democratiza o espaço da sala de aula. E é isso que precisamos trabalhar, não apenas com os estudantes, mas sobretudo dentro de cada um de nós.

Precisamos fazer da sala de aula um espaço aberto à iniciativa, ao convite ativo ao pensar com intensidade, ao maravilhar-se pela busca do saber e deslumbrar-se com a possibilidade de olhar para um mesmo objeto com perspectivas diversas. Favorecer o compartilhar de ideias, de forma intensa e aberta questionando informações, buscando encontrar respostas para os diversos questionamentos da criança curiosa que há dentro de cada um e, simultaneamente, fazer parte do todo - num esforço colaborativo em busca de conhecimentos e saberes precisos e relevantes - proporcionando benefícios individuais e coletivos. O pensamento crítico, em minha concepção, implica, igualmente, reconhecer a importância e o valor de todos, como agentes de responsabilidade mútua, na construção de uma comunidade de aprendizagem, na qual não exista fracasso ou exclusão. Nesse aspecto, o aprendizado atinge o seu ponto máximo quando transcende em sentido e utilidade o seu significado individual e se torna uma construção coletiva, na qual a participação e o compartilhamento se fazem permanentes. Assim, o pensamento crítico empodera, transforma e legitima nosso dizer e nosso fazer.

Quero muito agradecer por todos os seus ensinamentos e por todo o legado que deixou para nós, não apenas acerca do pensamento crítico, mas também da amorosidade gerada por ele. Não há como falar de amor sem compromisso, sem responsabilidade, sem interesse, sem intensidade e sem humanidade. Vivemos sempre tão atribulados com tantas coisas em nossos afazeres diários, com tantos pensamentos em nossas cabeças, que deixamos de observar que o pensamento crítico é também o despertar do amor – do amor fraterno, que cura as mazelas da humanidade e é capaz de salvar e transformar vidas.

A você, minha gratidão por me auxiliar e me ensinar que é necessário exercitar permanentemente o pensamento na busca de conhecimentos, através de questionamentos que confirmem de fato a criticidade, que não se reduzam ao achismo da mera opinião. Ainda tenho muito o que ler e aprender contigo. Espero mergulhar cada vez mais profundamente nesse oceano de ideias e questionamentos que você nos deixou como frutos.

Sem mais para o momento, desejo que você esteja sempre presente na vida de todos aqueles que almejam aprender a pensar criticamente e a estimular jovens estudantes a não desistirem de sua predisposição orgânica ao pensamento crítico, independente das fronteiras, da raça, da classe social, do gênero ou quaisquer outras circunstâncias que possam permear sua existência. Para que nunca desanimem ou deixem de ter o anseio pelo saber e compreender o funcionamento da vida, em toda a sua beleza e diversidade. Onde quer que esteja, e por onde quer que vá, muito obrigada, bell! Receba o meu carinho, o meu abraço e a minha admiração.

Beijos, de sua fã e leitora,
Guiricema, dezembro, 2022.